

Índice

| | |
|--|---|
| O poder profético da “ <i>Humanae vitae</i> ”..... | 1 |
| Uma visão integral do amor e da sexualidade..... | 4 |

O poder profético da “*Humanae vitae*”

Desde a sua publicação, a encíclica “*Humanae vitae*” foi alvo de insistentes críticas por não admitir a contraceção. No entanto, 50 anos depois, a realidade mostra que Paulo VI acertou nas suas advertências e nos seus prognósticos.

Um tema recorrente nos ensinamentos do Papa Francisco é que as realidades humanas superam as abstrações eruditas. “A realidade é superior à ideia”. A sua famosa frase sobre os pastores com “cheiro de ovelha” constitui a versão popular dessa máxima. Muitas vezes no seu trabalho, e no dos seus colaboradores, aparecem advertências contra a “rigidez”, a “retórica vazia” e o perigo de “ficar preso no âmbito das ideias abstratas”.

É especialmente pertinente centrar-se “na realidade” hoje, quando comemoramos o 50.º aniversário de uma das mais famosas – e mais desacreditadas – encíclicas da história da Igreja. Há dez anos atrás, aquando do seu 40.º aniversário, “*First Things*” publicou um ensaio meu intitulado “[The Vindication of ‘*Humanae vitae*’](#)”. Aí, fazendo-me eco de dados de diversas procedências – da sociologia, da psicologia, da história, da literatura feminista atual –, dizia: “Passadas quatro décadas, confirmaram-se empiricamente as previsões da encíclica e, além disso, como poucas previsões se confirmaram: de uma maneira que os seus autores não podiam ter previsto, com dados que não se conheciam quando o documento foi escrito, por investigadores e especialistas que não tinham interesse no seu conteúdo, por vezes, sem se aperceberem disso e, também, por muitos que se declaravam opositores da Igreja”.

Se, na verdade, temos de levar em conta a “realidade”, da grande quantidade de provas empíricas de que hoje dispomos só é possível tirar uma única conclusão. E é simplesmente que o documento mais vilipendiado no plano mundial ao longo do último meio século, e o mais amplamente incompreendido, é, simultaneamente, o mais profético e o que mais nos esclarece sobre a nossa época.

Mas deixemos de lado a teologia, a filosofia, a ideologia e restantes abstrações, e reflitamos, uma a uma, sobre as novas realidades que reivindicam a “*Humanae vitae*”.

Da pílula ao aborto

A primeira realidade empírica é a seguinte: independentemente das intenções das pessoas, considerando apenas factos não controversos, é meridianamente claro que o maior uso da contraceção levou a um aumento de abortos. Há cinquenta anos, quando se começaram a generalizar os contraceptivos, muitas pessoas de boa fé defendiam o seu uso justamente porque pensavam que tornariam supérfluo o aborto. Achavam que um controlo responsável da natalidade preveniria o aborto. Mas as estatísticas de que dispomos desde os anos 60, demonstram que esta ideia alargada era errada.

Os contraceptivos trouxeram consigo mais gravidezes e mais abortos, porque serviram para enfraquecer a crença de que os homens têm igual responsabilidade no caso de uma gravidez imprevista. Na nova ordem *pós-pílula*, a gravidez converteu-se

em responsabilidade da mulher, e se o controlo da natalidade “falha”, isso não é um problema do homem.

A história mostra igualmente a mesma relação causal. O impulso a favor da despenalização do aborto através do mundo não se iniciou até ao primeiro terço do século XX, quando os métodos de controlo da natalidade começaram a difundir-se amplamente. Nos Estados Unidos, os estados não despenalizaram o aborto antes da aprovação federal da pílula contraceptiva, em 1960. E é um facto histórico que o uso generalizado de contraceptivos provocou uma maior procura de abortos.

Num artigo que foi publicado em “National Catholic Bioethics Quarterly”, no ano de 2015, o investigador Scott Lloyd concluía também que a contraceção leva ao aborto; claro está que não de maneira inexorável em cada caso particular, mas sim regular e repetidamente enquanto fenómenos sociais relacionados. “Com os contraceptivos, a sensação de risco é menor, e isso favorece encontros sexuais e relações que não ocorreriam noutro caso, o que ocasiona gravidezes em situações para as quais a mulher não se sente preparada”.

Reconsiderações protestantes

Graças em grande parte ao facto da realidade número um de que falamos ter sido confirmada por cinquenta anos de experiência, também se tornou palpável uma segunda realidade. Pessoas alheias à Igreja católica – sobretudo, embora não só, alguns líderes protestantes – encaram a “*Humanae vitae*” sob uma luz nova e mais favorável. Vejamos alguns exemplos dos últimos dez anos.

“Os protestantes não fizeram bem em ignorar o importante ensinamento contido na ‘*Humanae vitae*’ sobre antropologia e sexualidade humana... Os protestantes ganhariam se estudassem a encíclica de Paulo VI e prestassem atenção às suas advertências” (Evan Lenow, professor do Southwestern Baptist Theological Seminary).

Entre os evangélicos, já não se considera que uma posição contrária à contraceção seja apenas exclusiva dos católicos romanos, como acontecia no passado (Jenell Paris, antropóloga, Messiah College).

Estas reconsiderações de protestantes e outros não católicos não significam uma rutura radical com a tradição cristã, mas um regresso a ela. Os ensinamentos da Igreja sobre a contraceção, e também os das Igrejas protestantes, seguiram uma mesma linha durante séculos. Foi somente quando a Comunhão anglicana admitiu a primeira exceção, na Conferência de Lambeth de 1930, que católicos e protestantes se separaram neste ponto da doutrina moral. A famosa Resolução 15 era pensada unicamente para uniões de pessoas casadas e sob circunstâncias precisas, mas marcou o começo da contraceção por conveniência.

Neocolonialismo contracetivo

Em África, tanto protestantes como católicos tendem a manter a tradição moral cristã. Neste caso, como noutros da história, é válida a máxima do sociólogo Laurence R. Iannaccone: “As Igrejas estritas são sólidas” e, conseqüentemente, as relaxadas são fracas. É nessa África que mantém uma mentalidade mais tradicional onde o cristianismo cresceu exponencialmente desde a publicação da “*Humanae vitae*”, diversamente do que ocorreu naqueles lugares do mundo onde os líderes religiosos se esforçaram, e se esforçam ainda, para mudar a tradição.

Assim o refletia um estudo realizado pelo Pew Research Center há alguns anos: “Os africanos estão entre os que mais se opõem à contraceção por razões morais”. Um número significativo de pessoas no Quênia, Uganda e noutros países subsaarianos – católicos ou não – considera que o uso de contraceptivos “é moralmente inaceitável”. No Gana e na Nigéria, mais de metade da população mantém esta opinião. Apesar de décadas de proselitismo contracetivo, muitos em África resistiram ao empenho dos reformadores que pretendiam integrá-los no programa sexual do Ocidente secularizado, programa que inclui, evidentemente, fazer diminuir o número de africanos.

Obianuju Ekeocha, de origem nigeriana, autora do recente livro “*Target Africa: Ideological Neo-Colonialism of the Twenty-First Century*”, escreveu uma carta aberta a Melinda Gates, cuja fundação dedica muitos recursos a difundir o controlo da natalidade entre os africanos: “Considero que estes 4600 milhões vão trazer-nos desgraças. Vão trazer-nos maridos infieis, ruas sem o barulho inocente das crianças e uma velhice sem o terno e carinhoso cuidado dos nossos filhos”.

Os africanos não são os únicos beneficiários dessa campanha empenhada em difundir uma *Weltanschauung* (visão do mundo) contracetiva. Mas muito menos são os únicos a recusar a ideia de que o mundo seria melhor se fossem em menor número. Um destacado hindu afirmou algo semelhante há alguns anos: “É ingénuo pensar que o uso de contraceptivos se limitará meramente a regular a descendência. Só existe esperança de uma vida decente enquanto o ato sexual estiver claramente relacionado com a transmissão da vida”. Quem assim falava era Mahatma Gandhi, outro não católico que concordava com as razões subjacentes aos ensinamentos morais do cristianismo. “Exorto os que defendem a utilização de métodos artificiais a pensarem nas conseqüências”, salientou noutro lugar. “É provável que o amplo uso desses métodos leve à dissolução do vínculo matrimonial e ao amor livre”.

Também é bem fundado o medo de que as “autoridades públicas” possam “impor” essas técnicas ao povo, como advertia a própria encíclica. Isto é o que aconteceu, evidente-

mente, na China, com a sua longa e desumana política do filho único, repleta de abortos forçados e esterilizações involuntárias.

Em prejuízo das mulheres

A realidade número três está relacionada com a situação da mulher moderna. A contraceção, afirmava-se e continua a afirmar-se repetidamente, tornará as mulheres mais livres e mais felizes do que nunca. Será assim? As provas apontam para o contrário, desde as que, no campo das ciências sociais, sugerem que a felicidade feminina nos Estados Unidos e na Europa tem descido com o decorrer do tempo, até às frequentes lamentações do feminismo académico e do popular. A "Humanæ vitæ" acertou ao visualizar um aumento iminente da divisão entre os sexos. Vejamos dois exemplos.

Em 2012, a divisão inglesa da Amazon deu a conhecer que "Cinquenta Sombras de Grey", de E.L. James, havia superado nas vendas os livros de Harry Potter, de J.K. Rowling, e se tinha convertido no livro mais vendido de toda a sua história. Este fenómeno mostra a extraordinária procura comercial a que deu lugar o interesse das mulheres pela história de um homem rico e poderoso que humilha, assedia e exerce violência contra elas repetidamente.

A violência contra a mulher, tanto implícita como explícita, enche os jogos de vídeo e, naturalmente, a pornografia. Porquê tantas mulheres subsidiarem essa imagem feminina de subjugação e inferioridade numa época em que a sua liberdade é maior do que nunca? Por acaso o sucesso de "Cinquenta Sombras de Grey" ensina-nos que os homens são tão difíceis de conquistar que se tem de empregar qualquer meio para os atrair, por degradante que seja?

A alegria muito menos abunda noutra das realidades *pós-pílula*: os escândalos sexuais de 2017 e 2018, e o movimento #MeToo. É como se a revolução sexual tivesse dado carta branca para a predação. Isto não é um juízo teológico, mas empírico, e foi em parte vaticinado pelo teórico social Francis Fukuyama. Em "[The Great Disruption](#)" (1999) refere algo importante, que faz eco da "Humanæ vitæ", embora a sua análise seja totalmente secular: "Uma das maiores fraudes perpetradas durante a Grande Rutura foi a ideia de que a revolução sexual era neutral do ponto de vista do género e que beneficiava por igual homens e mulheres... De facto, a revolução sexual serviu os interesses do homem e acabou por impor fortes limites às conquistas que, de outro modo, as mulheres poderiam ter alcançado ao libertarem-se dos seus papéis tradicionais".

Epidemia de solidão

Isto leva-nos para outra realidade: 50 anos depois da revolução sexual, um dos temas mais urgentes e cada vez mais importantes para os especialistas não é o excesso de população, mas a baixa natalidade. Não é apenas que o "excesso de população" seja uma quimera ideológica que cambaleia, mas sim que se verificou *o contrário*. Um grande número de pessoas, especialmente no Ocidente, cada vez mais envelhecido e estéril, está a sofrer o que os especialistas nessas sociedades em dificuldades denominam a "epidemia" de solidão.

Em finais do ano passado, o "The New York Times" publicou uma comovente história sobre a falta de nascimentos: "4000 mortes solitárias numa semana... Todos os anos, japoneses idosos morrem sem que ninguém o saiba e os seus vizinhos apercebem-se depois disso unicamente pelo cheiro".

O Japão é somente um dos países que enfrentam a mudança demográfica pós-pílula. "A solidão está a converter-se num fenómeno comum em França", salientava o "Le Figaro" há alguns anos. O artigo, que citava um estudo sobre a nova "solidão" publicado pela Fondation de France, menciona a causa principal desse fenómeno: "a rutura familiar", especialmente o divórcio. Iguamente um estudo sobre "Preditores sócio-demográficos de solidão entre adultos em Portugal", concordava que o divórcio aumenta a probabilidade da solidão, embora não se previsse se ter filhos podia melhorar a situação. Por estranho que pareça, é possível ler muitos estudos sobre a solidão sem encontrar qualquer referência aos filhos, uma omissão surpreendente que diz muito sobre a nossa época.

Tal pobreza humana é a que abunda nas sociedades cheias de riqueza material. Muito menos os que argumentavam a favor ou contra a "Humanæ vitæ" em 1968 souberam prever isto. No entanto, aquilo que sem dúvida vincula estas trágicas situações é a revolução sexual, que no decorrer da década de 70 progredia fortemente nos países ocidentais, aumentando as taxas de divórcio, reduzindo os índices de casamento e diminuindo os nascimentos. Não é necessário ser demógrafo para relacionar estes fenómenos; para isso, basta-nos a realidade que está perante os nossos olhos.

A encíclica incombustível

"Os manuscritos não ardem". Em "O Mestre e Margarita", de Mikhail Bulgakov, uma grande obra da literatura do século XX, um autor desesperado que vive sob a opressão soviética procura queimar a sua própria obra inédita, acabando por dar-se conta, já no desenlace redentor, de que é impossível.

“Os manuscritos não ardem” converteu-se num imortal grito de guerra para defender a natureza indomável da verdade. A verdade, artística ou não, pode ser indesejável, inconveniente, incómoda, ridicularizada nos ambientes delicados, ou ainda assediada, reprimida, forçada à clandestinidade. Mas isso não a torna em nada diferente do que é: a verdade.

No meio das ansiedades do momento, por grandes que sejam as dificuldades ou alargadas que estejam, as provas empíricas que não param de se acumular continuam a dar razão à encíclica de Paulo VI. A “*Humanae vitae*” não arde.

M. E.

Este texto de Mary Eberstadt, foi publicado originalmente em “*First Things*” (abril, 2018). A sua tradução para castelhano, por Josemaría Carabante, foi publicada em “*Acepresa*” (30 maio, 2018).

Uma visão integral do amor e da sexualidade

“Si tú me dices ‘ven’. Una visión cristiana del éxito en el amor”

“Crées pour se donner. Le sens chrétien du mariage”

Autor: Stéphane Seminckx
Rialp. Madrid (2018).
125 págs.

A encíclica “*Humanae vitae*” não só continua a ser objeto de polémica, como também tem suscitado uma ampla linha de reflexão – na qual se incluem, entre outros, os temas do amor ou da condição feminina – nos ensinamentos dos sucessores de Paulo VI. Da mesma maneira que a encíclica não mudou a doutrina, tendo-a sim explicitado perante os novos desafios, o mesmo se passa com o magistério pontifício posterior, como reflete Stéphane Seminckx, que no seu livro “*Si tú me dices ‘ven’*” sonda o texto para expor a sua riqueza teológica, filosófica e antropológica.

Isto porque se costuma esquecer que, para lá dos aspetos de uma cultura individualista e com traços hedonistas que a “*Humanae vitae*” *reprova*, esta encíclica não constitui esse catálogo de proibições, nem esse reacionário elenco de anátemas lançados contra o sexo, que alguns querem fazer-nos acreditar. De facto, Paulo VI explica desde o princípio, que o tema da natalidade não pode ser estudado numa

perspetiva parcial – nem económica, nem demográfica, nem psicológica –, mas “à luz da visão integral do homem” e tendo em conta a sua vocação terrena, mas também transcendente.

“Si tú me dices ‘ven’” aceita esse convite e propõe uma penetrante leitura da encíclica, que parte da pessoa e da sua condição de dar. Unicamente desse ponto de vista se pode vislumbrar o atrativo da compreensão cristã da sexualidade. E é essa a mensagem, tanto da encíclica, como de Seminckx: o que reprime a nossa natureza, o que coíbe a expansão do fruir por parte da pessoa e refreia a alegria irreprimível da entrega é a atitude egoísta e os substitutos do amor promovidos pela revolução sexual.

A profundidade antropológica da encíclica de Paulo VI deveria servir para recordar o sentido, por exemplo, de namoro, o significado personalista do pudor, a finalidade da castidade, a dimensão amorosa da continência... aspetos estes que são centrais para o amor sponsal e que são como as fundações nas quais assenta uma autêntica compreensão da vida matrimonial e da sua abertura à vida.

Os dois capítulos finais do livro merecem especial atenção. No primeiro, o autor responde a perguntas práticas sobre as implicações para a vida matrimonial da “*Humanae vitae*”, assim como às dúvidas mais frequentes relativamente à conceção cristã da sexualidade. No último, aborda a dimensão espiritual do casamento, com base na ideia de que o casamento sacramental não combate a Natureza, contribuindo sim para o seu desenvolvimento.

J. C.

